

O Sucesso da Empreitada Maçônica no Brasil do Século XIX potencializado pelo Ethos do Rito Escocês Antigo e Aceito

The Success of Freemasonry in Brazil in the 19th Century powered by the Ethos of the Scottish Rite Ancient and Accepted

Anderson Clayton Fonseca Tavares¹

RESUMO

O presente artigo mostra que existiu uma sólida estrutura religiosa financiadora da empreitada maçônica nos diversos locais que a mesma teve acesso e que o êxito desse empreendimento só foi possível pela alta carga de capital religioso presente na estrutura da maçonaria; a constituição Maçônica de 1723, os ritos de passagem e as muitas cosmogonias presentes nas antigas obrigações maçônicas, ajudaram no desenvolvimento da ordem elevando a mesma a uma missão de caráter transcendental. Em 1865 quando se tentou laicizar a maçonaria retirando do ritual a invocação do Grande Arquiteto do Universo, verificou-se através da mudança do rito moderno francês que a base religiosa brasileira era muito mais forte e se impôs à Ordem. O estatuto maçônico através de sua herança religiosa dialogou profundamente com os preceitos da estrutura social que lhe deu aporte no século XIX, fornecendo uma forte base que serviu de alicerce para fundamentação de suas convicções.

¹ Tem experiência na área de História, Filosofia, Teologia, sociologia e Ciência das Religiões. Formado em História pela ESMAC (Escola Superior Madre Celeste), filosofia não concluído na UFPA, Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Hokemah (FATEH). Cursando Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Estadual do Pará (UEPA): Linha: Movimentos e Instituições Religiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritualidade, Rito Escocês Antigo e Aceito, Maçonaria, Religiosidade.

ABSTRACT

The present article shows that there was a solid religious structure that financed the Masonic enterprise in the various places that it had access and that the success of this enterprise was only possible due to the high load of religious capital present in the structure of Freemasonry; the Masonic constitution of 1723, the rites of passage and the many cosmogonies present in the old Masonic obligations, helped in the development of the order, elevating it to a mission of transcendental character. In 1865, when it was tried to lay Freemasonry by removing from the ritual the invocation of the Great Architect of the Universe, it was verified through the change of the modern French rite that the Brazilian religious base was very strong imposing itself before the Order. The Masonic statute through its religious inheritance deeply dialogue with the precepts of the social structure that gave him support in the nineteenth century, providing a strong foundation that served as a foundation for the foundation of his convictions.

KEYWORDS

Spirituality, Scottish Rite Old and Accepted, Freemasonry, Religiosity.

A instalação de um sistema que estruturasse uma Submissão entre os maçons, foi pensada desde o início do século XVIII através da fundação da Primeira Grande Loja na Inglaterra em 1717, que historicamente estava conectada a tentativa de resolver problemas factuais ligados à monarquia dos Stuarts², geradora de conflitos entre Inglaterra, Escócia e França; está empreitada reorganizava a maçonaria pelos ditames britânicos, ligados a grandes interesses políticos.

² Os Stuarts formaram uma dinastia que dominou a Inglaterra por mais de 100 anos. Suas atitudes no governo começaram em 1603 e foram a principal causa da Guerra Civil Inglesa. Eles tinham origem escocesa e políticas absolutistas que transformaram a religião, a economia e sociedade da Inglaterra.

A chave encontrada para conduzir o sistema de submissão que funcionaria como um agregador de interesses com a função de centralizar pessoas em torno de um ideal foi alcançada através da missão específica de criação de um código compilado das Antigas Obrigações Maçônicas³, guardadas na memória através de mitos de fundação e oralidade. Esse sistema foi tão eficaz que passou a funcionar como estatuto para as potências maçônicas⁴ e acabou controlando as mesmas que passaram a dialogar e a se organizar através dele.

A constituição maçônica de 1723 organizada pelo pastor da Igreja da Escócia, ministro da Igreja presbiteriana de Londres e Venerável Mestre da Loja Maçônica James Anderson, ajudou a elaborar uma tradição, montando uma progênie mítica para a Ordem que de acordo com o enredo escrito nos primeiros capítulos do estatuto maçônico, começa no Jardim do éden com o primeiro homem criado por Deus, o Alvitre era apresentar uma genealogia maçônica, indicando Adão como o primeiro maçom.

A proposta de James Anderson, astuta e audaciosa mesmo contendo afirmativas teológicas falaciosas foi capaz de dar sentido a ordem maçônica e agrupar seus participantes em torno de uma missão; o caráter divino por trás desse construto filosófico alcançou muitos adeptos, legalizando o poder da maçonaria sobre seus participantes, mesmo que os interesses fossem diversos, a força alcançada pela construção de uma identidade maçônica internacional foi eficaz na edificação de sua organização; observamos através boletim do Grande Oriente do Brasil de dezembro de 1871 que a carga religiosa contida cumpriu seu encargo.

A Maçonaria foi criada, como as associações misteriosas da antiguidade no Egipto e na Gracia, para a perfeição moral do homem. Na época primitiva os seus symbolos falavam principalmente a linguagem

³ Entende-se por Antigas Obrigações (Old Charges) os documentos antigos que chegaram até nós a partir do século XIV e, posteriormente, nos quais são incorporadas à história tradicional, as lendas e as regras e regulamentos da Maçonaria. Eles são chamados de diversas formas “Antigos Manuscritos”, “Antigas Constituições”, “Lendas da Ordem”, “Manuscritos Góticos”, “Antigos Registros”, etc.

⁴ Potência Maçônica é o nome que se dá ao organismo maçônico representante nacional da Grande Loja Unida da Inglaterra ou de um organismo maçônico também de caráter nacional e que possua com a Grande Loja Unida da Inglaterra o Tratado de Mútuo Reconhecimento e seja por esta declarado como um organismo regular.

da religião e as portas do sagrado recinto em que se-ensinavam as grandes verdades Moraes, não eram abertas a todos. No meio dos extravios ella sempre intacto o conhecimento do verdadeiro Deus e foi gradativamente derrubando as distincções artificiaes da posição do mundo.

Ensinando as virtudes cardeais, a moral, a liberdade universal do pensamento e a independência da razão, a nossa Inst. não attende a fôrma particular do credo ou dos artigos de fé.

A Maçonaria ainda inculcou sempre como seus principios que, para subsistirem os governos fundados na liberdade do povo, convem que exista patriotismo desinteressado nos homens publicos, temperança, que extinga os excessos do luxo e os vicios que produz, e a verdade, como distinctivo do carater nacional⁵.

A Elaboração da constituição maçônica foi muito importante, pois organizou e estruturou interesses em torno de um ideal que mesmo sendo uma empreitada muito difícil, paulatinamente logrou êxito unindo vários interesses em torno de uma associação conhecida como Grande Loja da Inglaterra, que regulou as potências maçônicas, dando a elas legitimação a partir do século XVIII e implantando um sistema de obrigações que os maçons conhecem como “Antigos Landmarks”.

A proposta de criar limites conhecidos como pontos máximos que não se deve ou não se pode ultrapassar, funcionou como mecanismo de obediência às tradições impostas, que ganharam ainda mais força e eficácia através de algumas narrativas bíblicas, utilizadas pela maçonaria nesse período como elementos de consolidação na regulamentação da Ordem, como também para sua manutenção futura: “Não removas os marcos antigos que puseram teus pais” (Provérbios 22,28).

Para compreendermos a relação e o imbricamento com os aspectos sociais presentes na estruturação e organização documental da maçonaria do século XVIII na Inglaterra e posteriormente no Brasil, tomaremos emprestado a teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann, apontadas por Frank Usarski em seu livro *Constituintes da Ciência da Religião*; que analisa a sociedade como um sistema formado por comunicações, onde o ser humano não comunica suas opiniões soltas e desconexas.

⁵ Boletim do Grande Oriente do Brasil: Jornal Official da Maçonaria Brasileira, Publicação Mensal (RJ), Edição 001, Dez, 1871, p. 5-6.

Analisando a confecção do estatuto maçônico, percebemos que o mesmo tem uma carga enorme de herança religiosa, que dialogou profundamente com os preceitos da estrutura social que lhe deu aporte no século XIX, ou seja, existiu uma base que serviu de alicerce para a fundamentação de suas convicções. A maçonaria através de seus aspectos religiosos conciliou-se com a estrutura social presente em seu contexto e esta estrutura composta de vários subsistemas integrados dialogaram entre si, contribuindo para o êxito da empreitada maçônica.

A sociedade é caracterizada como sistema e composta e sustentada por subsistemas, cada um deles cumprindo funções específicas em favor do macrosistema [...] a análise de qualquer subsistema tem de levar em conta sua contextualização estrutural⁶.

Olhando para os pontos mais íntimos do astuto artifício maçônico presente na comunicação da Constituição Anderson⁷ cuja missão era organizar o arcabouço maçônico; constatamos que a empreitada logrou êxito por conta de uma estruturação religiosa forte, presente naquele contexto que deu suporte suficiente ao regulamento maçônico, já que o estatuto continha uma carga enorme de capital religioso que se adequava com a estrutura social vigente fornecedora de subsídios importantes para a essa missão.

Os valores religiosos presentes na “Constituição Anderson”, que como vimos foi um documento importante criado para regular a Ordem Maçônica, alcançou espaços significativos dentro das sociedades pelas quais teve acesso, se espalhando por todas as nações através de seus ideários como também da força de suas obrigações. A maçonaria funcionou como uma religião que conduziu e controlou seus associados através de valores transcendentais ultrapassando o pragmatismo expresso em documentos escritos.

⁶ USARSKI, Frank: *Constituintes da Ciência da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12.

⁷ A Constituição de Anderson – como é mais conhecida a Constituição que regula os Francos-Maçons desde 1723 – é considerada o principal documento e a base legal da Maçonaria Especulativa e que aos poucos foi substituindo os preceitos tradicionais que até então regulavam as atividades da Maçonaria Operativa.

Se qualquer queixa vier à tona, o Irmão considerado culpado deverá aceitar a sentença e determinação da Loja (a não ser que apele à Grande Loja, que é próprio e competente juiz de toda e qualquer controvérsia, a qual dos irmãos devem se dirigir, a não ser que o trabalho do Senhor seja obstruído, e em tal caso uma referência deve ser feita; mais nunca deverás dirigir-te à Lei naquilo que concerne à Maçonaria sem necessidade aparente, mas à Loja) – (Estatuto Maçônico, James Anderson).

O processo da união maçônica se consolidara na Inglaterra em 1813 fundando um sistema de obediência em torno da ordem que será compilado para outros países e vai regulamentar as atividades maçônicas aos moldes ingleses, sendo assim qualquer potência maçônica que queira ter reconhecimento regular e legítimo terá que se utilizar do modelo desenvolvido pelos ingleses que legitimava seus associados dando a eles visibilidade global, os maçons integrados neste sistema seriam reconhecidos em todos os territórios nacionais e internacionais assumindo uma identidade coletiva que os asseguravam.

A Maçonaria do Chile, composta de Oficinas simbólicas de diferentes Ritods, sujeitas a jurisdições estrangeiras, acaba de dar o primeiro passo para effectuar a sua unidade. O Mto III: Juan de Dios Merino Benavente, Membro Hon.: do Sup.: Conc.: dos SSob.: GGr.: Insp.: GGr.: do 33º e ultimo grau do Rit.: Ant.: e Acc.: da Inglaterra, Galles e suas Dependencias, ao Or.: de Londres, investido de pleno poderes por este Alto Corpo, fundou e constituiu n'este Or.: no dia 8 do corrente um Sup.: Conc.: dos SSob.: GGr.: Insp.: GGr.: para o Chile e suas dependências com o titulo distinctivo de Sup.: Conc.: do Chile.: [...] desejamos, não só, sermos por vós reconhecidos como Poder Mac.: mas ainda merecermos o favor der mutuamente nos-correspondermos. [...] (Assignados). – J.de D. Merino Benavente, 33.: Sob.: Gr.: Com.: [...] Ao Sup.: Conc.: do 33º grau do Brasil. Visto e aprovado e fraternalmente recomendado, 18 de Outubro de 1871⁸.

⁸ Boletim do Grande Oriente do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira, Publicação Mensal (RJ) – 1871 a 1899, Edição 001, out., 1871, p. 30-31.

O preâmbulo deste trabalho corrobora com o entendimento em torno da maçonaria, mostrando que por trás da confecção de uma constituição maçônica, existia um interesse político muito forte e capcioso que conseguiu lograr êxito por conta dos aspectos religiosos contidos no mesmo. O desfecho desses diálogos que compreendia a constituição maçônica e a estrutura social que deu base a uma obediência em torno da organização maçônica cimentada pelo capital religioso indubitavelmente foi importante.

O Boletim do Grande Oriente do Brasil de 1871, acima citado mostra que as potências começaram a se organizar através do “Rito Escocês Antigo e Aceito”, coordenado pela Inglaterra, o boletim divulga que o Brasil apadrinou o Chile em sua filiação à ordem inglesa e que, a partir disso a maçonaria chilena tornou-se reconhecida internacionalmente pela Ordem, outro aspecto que esse documento aponta é que o Brasil passou a ser um referencial da Ordem Maçônica na América do sul.

Analisando o caso da maçonaria brasileira, conjecturamos que o rito moderno francês não logrou muito êxito, pois segundo Tourret⁹ o rito moderno francês que imperou no Brasil foi substituído em 1865 pelo Rito Escocês Antigo e Aceito¹⁰. O Grande Oriente da França que controlava as atividades maçônicas no Brasil tentou laicizar a maçonaria retirando do ritual a invocação do Grande Arquiteto do Universo¹¹, essa tentativa frustrada em retirar o Grande Arquiteto do Universo (GADU) através do rito moderno francês demonstrou que a base religiosa brasileira era muito mais forte se impondo a Ordem.

A maçonaria não conseguiu se desenvolver com bastante plausibilidade através do antigo rito que negava os aspectos religiosos ligados

⁹ TOURRET, Fernand. *Chaves da Franco-maçonaria*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975, p. 59.

¹⁰ O Rito Escocês Antigo e Aceito, R.:E.:A.:A.: ou simplesmente Rito Escocês, é um dos vários Ritos Maçônicos. Um rito maçônico é um conjunto de especificações e preceitos utilizados para se praticar os rituais maçônicos. Eles descrevem a ritualística, procedimentos, listam os sinais, toques, palavras e demais instruções secretas ao público geral.

¹¹ Grande Arquiteto do Universo é o ser supremo ou Grande Geômetra, título dado a Deus pela Maçonaria. Está para além de qualquer credo religioso, respeitando toda a sua pluralidade. A crença num ser supremo é ponto indiscutível nos landmarks, para que se possa ser iniciado na Maçonaria.

pela orientação do Grande Arquiteto do Universo, e que em razão disso teve uma atuação incipiente, tendo seu rito substituído. A maçonaria vai alcançar através do “Rito Escocês Antigo e Aceito” uma proeminência mais ativa na sociedade, conciliando e se desenvolvendo com mais vigor por se utilizar das estruturas transcendentais que dialogavam com sua nova posição.

A entrada da maçonaria no Brasil mesmo que seja composta de muitos mistérios e elucubrações, que não dão bases satisfatórias para consolidar uma data provável de sua chegada ao país, devem ser alinhadas aos esforços de alguns historiadores que acreditam que a maçonaria chega ao Brasil através dos franceses em 1801 no contexto da Conjuração Baiana e que a primeira loja maçônica brasileira surge filiada ao Grande Oriente da França, essas afirmações nos ajudam a montarmos especulações em torno da instalação da Ordem Maçônica brasileira.

As evidências vão muito além das fontes escritas, mesmo que existam muitas incógnitas por conta de insuficiência de fontes seguras que não fornecem pistas eficazes e precisas é possível estudarmos sobre a maçonaria apesar das barreiras encontradas, podemos construir raciocínios pertinentes como os que foram analisados por Sidney Chalhoub no início de sua obra “Visões da Liberdade”, onde o autor relata a astúcia de um sábio cujo nome era Zadig, que foi capaz de descrever a cadeliinha perdida da rainha e o cavalo do rei, sem nunca ter visto os mesmos, somente através das pistas deixadas na areia e outras especificidades do rastro. Essa história nos inspira a desvendarmos possíveis acontecimentos e conjecturarmos com propriedades a seu respeito.

[...] juro-vos [...] que nunca vi a respeitável cadela da rainha, nem o sagrado cavalo do rei dos reis. Aqui está o que me sucedeu: andava eu passeando pelo pequeno bosque onde depois encontrei p venerável eunuco e o mui ilustre monteiro-mor. Percebi na areia pegadas de um animal, e facilmente concluí serem de um cão. Leves e longos sucos, visíveis nas ondulações da areia entre os vestígios das patas, revelaram-me tratar-se de uma cadela com as tetas pendentes, e que, portanto devia ter dado cria poucos dias antes. Outros traços em sentido diferentes, sempre marcando a superfície da areia ao lado das patas dianteiras, acusavam ter ela orelhas muito grandes; e como além disso notei que as impressões de uma das patas eram menos funda

que as das outras três, deduzi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco [...]¹².

Em uma análise bibliográfica em torno da ordem maçônica, Elson Monteiro em seu texto: *MAÇONARIA, PODER E SOCIEDADE NO PARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: 1850-1900* discute sobre a historiografia responsável pelo conhecimento dos apontamentos históricos relacionados com os maçons, Monteiro cita José Castellani um importante historiador maçônico, que revela que as fontes não são suficientemente seguras para garantir uma data, o aporte mais preciso a ser afirmado é que o Brasil em seu início maçônico foi regulamentado pelo rito moderno francês mesmo que sua chegada não esteja muito clara.

Segundo Castellani, há um período nebuloso da história da maçonaria no Brasil, decorrente da total falta de registros históricos, porém indica que alguns historiadores falam da existência de lojas, no Brasil, já nos meados do século XVIII, destacando a presença das lojas na Bahia. O autor, porém, nega qualquer credibilidade a essas afirmações, que se tornam temerárias pela inexistência de qualquer prova documental¹³.

Nossa investigação tem como base encontrar pressupostos que nos sirvam de auxílio para entendermos por quais motivos a empreitada do rito moderno francês não logrou êxito e foi substituída em 1865 pelo rito escocês antigo e aceito, é intrigante percebemos que de acordo com o Grande Oriente do Brasil a maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista.

A Maçonaria Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria; pugnada pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins

¹² CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 14.

¹³ MONTEIRO, E. L. R. *Maçonaria, Poder e Sociedade no Pará na Segunda Metade do Século XIX 1850-1900*. Belém: AÇAÍ, 2016, p. 26, apud CASTELLANI, José. *História do Grande Oriente do Brasil: a maçonaria na história do Brasil*. Brasília: Gráfica e Editora do Grande Oriente do Brasil, 1993, p. 27.

supremos são a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, ou seja, seu tema dialoga sem problema com os aspectos mais íntimos da revolução francesa, dessa forma o casamento com o rito moderno francês seria perfeito não necessitando de uma mudança de rito como aconteceu em 1865.

Essa troca de ritual evidência um traço historicamente importante dos aspectos religiosos maçônicos que subsidiaram suas atividades, esse evento reorganizou a constituição da maçonaria dando ênfase ao simbolismo maçônico, estruturando suas atividades em torno do Grande Arquiteto do Universo. A maçonaria camuflou-se e dialogou com a estrutura social brasileira desse período por conta de seu expressivo capital religioso.

A matriz religiosa da nação foi peremptória na aquisição da escolha do rito maçônico que de maneira contrária ao Grande Oriente da França ligou-se a Grande Loja Unida da Inglaterra. O Rito Escocês Antigo e Aceito para além da sincronia com o sistema religioso do país foi capaz de apadrinhar e filiar protestantes, devido seu aspecto espiritual, que segundo Vieira teve uma grande aceitação pelo fato de valorizar a Bíblia e dialogar com a mística protestante.

“O Rito Escocês colocou a Bíblia no altar maçônico. A Bíblia foi chamada a “regra da vida” e as reuniões começavam e terminavam com citações bíblicas, como ainda hoje é feito. Desse modo o Rito Escocês predisps o seguidor da ordem maçônica a olhar para a Bíblia como algo especial, merecedor de respeito, e digno de ser propagado. Por esta razão não é surpreendente notar que os grandes defensores da Bíblia no Brasil, no século XIX, que protegeram os vendedores de Bíblias e travaram batalha contra os ultramontanos, em sua defesa, foram maçons”¹⁴.

Outra importante fonte de investigação dessa espiritualidade maçônica é o mito de Hiram Abif que faz parte do rito de iniciação da maçonaria, que tem sua origem lendária ligada à construção do templo de Jerusalém a pedido do rei Salomão. O mito de Hiram Abif passará pelo processo da ressignificação, pois na Bíblia não existe nenhuma referência

¹⁴ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2 ed. Brasília: UnB, 1981, p. 47.

direta desse nome com o construtor do templo, a informação existente, é que o rei de Tiro chamado de Hiram ajudou a Salomão mandando matéria prima para a construção.

Todo mito precisa ser justificado e o mito de Hiram Abif que faz parte do Rito Escocês Antigo e Aceito também terá sua história forjada entre os maçons ligada à construção do Templo de Jerusalém, o personagem Hiram conhecido como rei da cidade de Tiro, citado em segundo Samuel capítulo cinco, apenas enviou material como também um homem anônimo para ajudar Salomão com o Templo, mais não foi o rei de Tiro o construtor; outra citação de primeira Reis capítulo sete mostra Hiram filho de uma viúva da tribo de Naftali, um artesão que manipulava o bronze e não como um perito construtor como reza o mito.

Não encontramos citação bíblica que ligue diretamente Hiram Abif a construção do Templo de Salomão. O significado construído em torno do pedreiro Hiram que protegeu o segredo da construção e pagou com a vida tornando-se protótipo do maçom ideal que a qualquer custo guardará os princípios da ordem, funcionou como mecanismo de legitimação, ligando-se às narrativas bíblicas pelo aporte que essas afirmações poderiam fornecer através de seus significados espirituais fortalecedores do poder da ordem maçônica entre seus iguais.

Notem que a força desse aporte religioso, atraiu muitos protestantes no século XIX para a ordem, pois além de dialogarem perfeitamente como os princípios que a maçonaria defendia como liberdade, fraternidade e igualdade ainda tinha uma forte ligação com os ditames bíblicos; as duas colunas que a maçonaria tanto preza “Jaquim e Boaz”, presentes em todas as lojas maçônicas estão narradas na Bíblia em primeira Reis capítulo sete e são descritas como sustentáculos de estabilidade entre outros significados que deram margens para uma série de construções teológicas místicas a respeito dessas colunas e suas utilizações espirituais.

No Livro *Centelhas em Restolhos Secos* de Betty Antunes de Oliveira, temos relatos de protestantes fugitivos da Guerra de Secessão que ao chegarem ao Brasil a partir de 1865 se instalaram no Grão Pará em Santarém e em Santa Bárbara D’Oeste município de São Paulo, e que o mesmo local em que se reuniam para os trabalhos maçônicos era reorganizado para os cultos protestantes; não existia dificuldade de conciliar a prática maçônica e a prática protestante entre outras atividades; elas se

misturavam e se confundiam nessa comunidade Batista em formação no território brasileiro.

Deste modo, havia lugar para os cultos, as festas, a escola e as reuniões da maçonaria. Os vários grupos religiosos elaboravam um esquema de uso da Casa, para não haver conflitos de interesses. Todos faziam a reunião em conjunto quando havia um motivo em comum¹⁵.

A participação dos protestantes na Ordem Maçônica não desprezou os ritos que se serviam do mesmo, pois dialogava diretamente com seus princípios. O rito carrega consigo aspectos sagrados, um rito não é um elo perdido encaixado no tempo, pelo contrario ele é uma espécie de ponte entre o que Eliade em seu Tratado de História das Religiões chama de *in illo tempore* e o presente que contém o arquétipo¹⁶; em outras palavras é uma ligação entre um tempo mais longínquo construtor da matriz do significado e o presente que tem o significado já estruturado.

Percebemos que o mito carrega traços bem definidos do sagrado como dito por Barzan (2002) e que as tradições não seguem um circuito aleatório, elas dialogam com uma estruturação transcendente muito pertinente que protege o ser do mito, auxiliando o mesmo a se construir no imaginário de seus favorecidos, dessa forma constatamos a força do sagrado que orienta o mito de Hiram Abif contido no Rito Escocês Antigo e Aceito e que por assim dizer dialogou com muita eficácia com a estrutura social brasileira que também se expressa por seu construto religioso.

A palavra deriva do latim *ritus*, cujo equivalente em grego é *thesmós* (em dórico *tehmós*) e cujo significado no plural é: “tradições ancestrais, regras ritos”... o rito carrega de sacralidade, ou seja, de vitalidade renovada e de energia, o tempo, o espaço e a casualidade empírica. Estas três condições da existência sensível possuem

¹⁵ OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985, p. 33.

¹⁶ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 299.

uma disposição que lhe é inerente para a mudança, a dispersão e a dissolução¹⁷.

O Mito de Hiram é utilizado na maçonaria como iniciação ao terceiro grau, o ritual constrói a história de Hiram Abif, que foi pressionado por três companheiros para revelar a palavra chave que seria a senha de acesso ao grau de mestre, como Hiram não revelou a senha, seus companheiros o mataram com uma aborroadada na cabeça, esconderam seu corpo mais quando presos revelaram onde estava o cadáver; essa história se teatraliza na iniciação de um maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A) e forma um de seus arcaibouços mais importantes.

A iniciação de um maçom, através do ritual de Hiram Abif transfere a seus participantes uma missão, através desse ritual percebemos a construção de uma espécie de arquétipo moral mostrada através da fidelidade a um princípio que nem a morte foi capaz evitar, esse feito consagra a morte naquilo que Mircea Eliade consagrou como hierofania, haja vista que existe um propósito singular gerenciado por sua repetição, que ganha força dentro e fora da ordem Maçônica, levantando uma série de ilações consagradas como mistérios.

É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”¹⁸.

¹⁷ BARZAN, Francisco García. *Aspectos Incomuns do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 50.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 17.

A morte não consegue vencer o ideal apresentando pelo mito de Hiram, por isso a repetição do ritual a cada iniciação de um maçom não está relacionada somente aos aspectos da tradição, ela tem ligação direta com a repetição de um arquétipo que aqui tenho a audácia de chamar de espiritualidade maçônica oriunda do Rito Escocês. No Tratado de História das Religiões comentado anteriormente, que Eliade produziu, podemos fazer um cruzamento entre a senda simbólica do mito de Hiram com a transubstanciação do pão e do vinho e percebermos elementos de união entre as duas propostas. O que esta por trás do ritual não é somente uma memória, mais creio ser o caráter mais íntimo de qualquer significação, o aspecto espiritual.

 Não só o tempo sagrado que vê o mistério da transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue do salvador é qualitativamente diferente, como um enclave entre o presente e o futuro, da duração profana que se destaca; não só este tempo sagrado é solidário do das liturgias precedentes e seguintes, como pode, além disso, ser tido como continuação de todas as liturgias que se realizaram desde o momento em que foi criado o mistério da transubstanciação até o minuto presente¹⁹.

No Brasil quando olhamos para sua história percebemos que a maçonaria teve um papel significativo, ajudou a formatar a estrutura social através do liberalismo, aboliu a escravidão e abriu portas para outras expressões religiosas ganharem força no território nacional como os protestantes, visto que no século XIX a religião católica era mandatária; a maçonaria inaugurou o que ficou conhecido como questão religiosa em 1874 que prendeu dois bispos de importante envergadura nacional, esses feitos comprovam o prestígio e a posição conquistada pelos pedreiros livres.

A maçonaria no ano de 1865 quando trocou o “Rito Moderno Francês” para o “Rito Escocês Antigo e Aceito” assertivamente o fez por pressão da estrutura religiosa do Brasil, a nova estrutura ritualística contida no (R.E.A.A) pode ser analisado como o fator impulsionador que auxiliou a maçonaria a participar mais efetiva na história desse país.

¹⁹ ELIADE, 1998, p. 316.

Cruzando as fontes percebemos que esse feito logrou muito êxito e que o “religare” do “Rito Escocês” foi mais protagonista do que os aspectos revolucionários do “Rito Francês”.

Como dito por Eliade²⁰, “o sagrado é o real por excelência”, ou seja, a aspiração do indivíduo em experimentar o sagrado está relacionado a seu interesse pela realidade objetiva fornecedora de sentido e não simplesmente por um tempo homogêneo e sem significação; para isso criar técnicas de construção do sagrado. A espiritualidade maçônica, ligada ao sagrado, não começa com a maçonaria mista ligada ao esoterismo e às práticas espíritas da atualidade. Essa prática espiritual tem uma profunda e antiga ligação com a atuação do “Rito Escocês Antigo e Aceito”, que a partir de 1865 foi protagonista de muitas atividades no Brasil.

Em vista dos argumentos apresentados tomamos a liberdade de conjecturar que a maçonaria brasileira foi bastante proativa, dialogando através do “Rito Escocês Antigo e Aceito” que estava voltado para o caráter mais simbólico, utilizando a Bíblia e relacionando-a com seus rituais, essa relação entre maçonaria e aspectos ligados ao “Grande Arquiteto do Universo” gerou uma áurea sagrada que chamo de espiritualidade maçônica fornecedora de sentido que deu destino para a missão da maçonaria especulativa²¹.

O capital religioso presente no Brasil, como também no Grão-Pará do século XIX através de sua matriz religiosa se relacionou com Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A) de maneira sincrônica; diferente do “Rito Moderno Francês” que por conta de seu ideário iluminista, de postura libertaria ligada a revolução francesa que pregava o fim dos aspectos religiosos, não alcançou o mesmo desempenho no país.

A maçonaria teve uma acentuada atuação no período oitocentista, fazendo da província do Grão Pará uma base muito forte. A dissertação produzida por Alan Christian de Souza Santos “O QUE REVELAR? O QUE ESCONDER? IMPRENSA & MAÇONARIA NO FINDAR DO

²⁰ ELIADE, 1992, p. 21.

²¹ Segundo o ritual do aprendiz do G.O.B do rito brasileiro, a maçonaria passou por três fases distintas, Quais sejam: a maçonaria primitiva ou dos augustos mistérios, maçonaria operativa ou dos construtores vinda da antiga Roma ao século XVIII, e a maçonaria especulativa ou atual iniciada em 1717, com fundação da Grande Loja de Londres.

DEZENOVE (PARÁ, 1872-1892)” evidencia que a Ordem Maçônica paraense no século XIX passou a ter uma forte expressão nacional, e que o sucesso da mesma para se firmar precisou de um construto simbólico muito eficaz.

Em outras palavras, a partir da reconstrução das oficinas e principalmente durante a década de 70 do século XIX a instituição maçônica precisou lutar para se firmar no Pará. A tarefa tornou-se mais difícil pela ausência do passado glorioso e dos vultos históricos mediante os quais a identidade coletiva poderia ser forjada. Assim, estava em jogo não apenas a capacidade dos pedreiros-livres construírem representações, mas de construírem o próprio mundo a partir delas²².

Dessa feita concluímos que o sucesso da maçonaria e sua atividade constante na sociedade do século XIX com atuações ligadas ao fim da escravidão, a laicização que retirava o controle social das mãos da igreja católica entre outros feitos, logrou êxito através dos aspectos religioso presentes na estrutura da maçonaria que dialogou perfeitamente com a matriz religiosa regional causando muitas intrigas e perseguições para a Ordem Maçônica.

O Bispo Dom Macedo Costa representante do movimento de romanização tornar-se-á por conta do sucesso e prestígio da ordem, um ferrenho adversário da maçonaria, através de várias crítica nos meios de comunicação da época, influenciando o imaginário popular a pensar que maçonaria era “tentáculo de satanás” e tudo que estava ligado à mesma seria comprometido com o mal; uma disputa simbólica eclodira entre maçonaria e catolicismo por muitas partes do globo terrestre suscitando muitos litígios.

²² SANTOS, Alan Christian de Souza *O que revelar? O que esconder? Imprensa & maçonaria no findar do Dezenove (Pará, 1872-1892)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2011, p. 48.

Referências

- BARZAN, Francisco García. *Aspectos Incomuns do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. *Sagrada Bíblia: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CASTELLANI, José. *História do Grande Oriente do Brasil: a maçonaria na história do Brasil*. Brasília: Gráfica e Editora do Grande Oriente do Brasil, 1993.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MONTEIRO, E. L. R. *Maçonaria, Poder e Sociedade no Pará na Segunda Metade do Século XIX 1850-1900*. 1ª ed. Belém: AÇAÍ, 2016.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985.
- SANTOS, Alan Christian de Souza *O que revelar? O que esconder? Imprensa & maçonaria no findar do Dezenove (Pará, 1872-1892)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém.
- TOURRET, Fernand. *Chaves da Franco-maçonaria*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- USARSKI, Frank: *Constituintes da Ciência da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2 ed. Brasília: UnB, 1981.

Submetido em: 24/03/2019

Aceito em: 07/05/2019